

## **Economia Argentina: da Belle Époque a Primeira Guerra Mundial**

Maria Heloisa Lenz\*

### **ABSTRACT**

This paper analyzes the performance of Argentina's economy during the Belle Époque period - from 1870 through World War I. The first part examines the Belle Époque itself, specially featured by the british influence, the constitution of the basis of the country's economy with great appropriation of land for cattle raising, and the creation of the first slaughterhouses. The second part focuses on Argentina's banking system in the XIX Century, and the banking crisis of 1890. The last part of this paper makes an analysis of the performance of Argentina's economy during World War I, and focuses too on the controversy on the end of the fast economic growth period. Some authors prefer to set it on the beginning of World War I, others at the Great Depression in 1929 or even during the 30's.

### **Introdução**

Dentre os inúmeros questionamentos levantados sobre o desenvolvimento econômicos dos países latino-americanos, o mais recorrente nos estudos de desenvolvimento econômico é sobre a razão desses países não terem conseguido desenvolver-se, do ponto econômico, nos séculos XIX e XX.

Este trabalho constituiu-se na tentativa de resgate de um importante período da história econômica argentina. Sem dúvida alguma, a história econômica da Argentina é um dos fenômenos mais fascinantes dentro da história econômica contemporânea. Nos dias de hoje colocada na categoria dos países subdesenvolvidos e enfrentando os mesmos problemas dos mesmos, a Argentina da virada do século era um dos países mais ricos do mundo, sendo posicionada ao lado das economias mais avançadas, a exemplo dos chamados países de colonização recente, tais como os Estados Unidos, o Canadá e a Austrália, apontados como os grandes paradigmas de sucesso econômico.<sup>1</sup> Ao mesmo tempo este país também experimentou um declínio econômico sem paralelo na maior parte do século XX, sendo na opinião de Días-Alejandro (1970) um período enigmático e mal compreendido dentro da literatura do desenvolvimento.

O autor Taylor (1992,p.20) chama a atenção para o fato de a Argentina, vista como um dos países mais ricos e de crescimento mais rápido no período da passagem do século, estar agora colocada no rank dos países subdesenvolvidos, e “ a Belle Époque, a idade de ouro da mudança do século, ser apenas uma pálida lembrança para os argentinos”. Para os historiadores econômicos o caso do alto crescimento argentino e do seu declínio constituiu um dos mais importante quebra cabeça nos estudos de caso de desenvolvimento nacional. Embora todos concordam com o declínio, poucos concordam com suas causas e a sua natureza.

---

\* Professora Assistente e Doutoranda da UFRGS, Economista da FEE

<sup>1</sup> É importante referir que esta rica literatura sobre a Argentina e demais países de grande extensão de terra e escassa população e capital insere-se dentro da chamada *Staple Theory* - Teoria do Produto Principal - de tradição canadense e de autoria de Watkins (1963) e Baldwin (1965). Consultar em Platt e Di Tella, *Argentina, Australia and Canada. Studies in Comparative Development 1870-1965*, Oxford, 1985.

Dado o longo período a ser estudado dentro da história da economia argentina optamos nesse trabalho por examinar os períodos compreendidos entre 1870 e a I Guerra Mundial. A importância do período que inicia no final de 1860, considerado dentro da literatura o início do período áureo dessa economia, também chamado de *Belle Époque*, é devida a inúmeras razões: a chegada da Grã-Bretanha a país líder da economia mundial e do início de sua enorme influência na economia argentina; a constituição das bases da economia argentina, com grande apropriação de terras para a pecuária e a criação dos primeiros frigoríficos argentinos; o florescimento das atividades financeiras e bancárias no país, inclusive da ocorrência da primeira crise financeira e da primeira Reforma Monetária argentina; e a consolidação do estado nacional no país.

É importante notar que não existe grande controvérsia na literatura de que o início do período áureo do florescimento da economia argentina data do final da década de sessenta do século passado. Já sobre o período que deu início da decadência da economia argentina, ou o fim do período de crescimento, é um ponto extremamente controverso. Alguns autores preferem datá-lo com o do início da IGM -1914- e outros com o da Grande Depressão -1929, e outros ainda no decorrer da década de 1930. Nesse trabalho, optamos por encerrar o primeiro período de análise na eclosão da Primeira Guerra Mundial apenas como uma das possibilidades do marco da mudança e também trazer para a discussão as outras posições que defendem periodizações diferentes para o início do declínio.

### **O Período de Crescimento Acelerado da Economia Argentina- a *Belle Époque***

A Argentina do final de 1860, apesar de ter sofrido grandes transformações na sua estrutura econômica principalmente em função de sua ligação com o mercado mundial através da criação de gado, ainda se constituía em um país basicamente de economia pecuária com grandes extensões de terra para serem apropriadas. A população e o capital do país ainda eram escassos, e também eram poucas as estradas de ferro e as instalações portuárias.

A principal explicação da maioria dos autores para o extraordinário crescimento da economia da Argentina entre 1870 e 1914<sup>2</sup> é de que ele decorreu de importantes mudanças no comércio internacional. De acordo com Conde (1991), a redução dos custos de transporte marítimo foi o fator mais importante, seguido pelo movimento dos meios de produção capital e mão-de-obra entre os continentes. Para o autor, o exame desse processo apenas pelo lado da demanda internacional não reflete, porém, toda a riqueza e complexidade deste processo histórico, o qual teve outras facetas menos óbvias. O outro lado da explicação refere-se à necessidade de ajustamento do lado da oferta para responder aos aumentos reais ou potenciais da demanda mundial. Esse ajuste do lado da oferta constituiu principalmente a reorganização dessa economia primária. Foi necessário reorganizar a produção para obter mais produtos básicos - cereais e carne- através dos fatores de produção terra, mão-de-obra e capital.

Para Díaz-Alejandro (1970) o que explica o ponto de partida deste período, é que depois de 50 anos de guerras civis, as classes dirigentes argentinas responderam com decisão as oportunidades de crescimento oferecidas pela industrialização européia e os avanços tecnológicos dos meios de transporte. Conde (1997) expressa esta mesma

---

<sup>2</sup> Segundo Díaz-Alejandro (1970) o PIB real cresceu a uma taxa média de pelo menos de 5% durante os cinquenta anos que precederam a I GM.

opinião afirmando que com o fim das guerras civis se chegou a uma estabilidade política e jurídica que permitiu a efetividade dos direitos de propriedade e a diminuição dos elevados custos de transação. Foi esta a condição essencial para o enorme deslocamento de capital e trabalho que colocaram em produção as terras férteis.

Assim, a nova fase da economia primário exportadora argentina, iniciada no final da década de 60 pode ser sumarizada, portanto, por dois fatores: 1) expansão e integração crescente na economia mundial; 2) grande expansão das terras férteis, com baixa população, na zona pampeira. O primeiro refere-se à importância do progresso técnico como fator determinante da integração da Argentina na economia mundial. Pode ser desdobrado em: fluxo de capitais, migrações e expansão comercial. A Argentina, nesse sentido, constituiu-se no caso mais significativo de um país integrado à economia mundial, pois este período marcou o aumento vigoroso das suas exportações e ela passou a deter um lugar de destaque nos mercados internacionais, tanto pelo volume de seu comércio exterior, quanto pela magnitude dos capitais estrangeiros nela investidos.<sup>3</sup> O segundo fator foi as chamadas “Campanhas do Deserto” quando foram incorporadas para o cultivo novas e importantes zonas de grande fertilidade, determinantes nessa nova etapa do desenvolvimento.<sup>4</sup>

Sem dúvida a ocupação, o povoamento e a exploração destas terras de uma tal magnitude tiveram um forte impacto na economia e na sociedade. Esse fenômeno teve características particulares importantes. Em primeiro lugar, a maior expansão do território se produziu em um breve período de tempo, a década de 80. Por outra parte, em uma proporção importante, a zona ocupada se converteu na região mais importante do país, a pampa úmida. Alí não existiam assentamento prévios, nem população, nem estruturas definitivamente conformadas. Os índios que lá habitavam voltaram para o cordilheira. Não existiam pressão de população, as terras foram povoadas após com os imigrantes. De fato surgiu uma sociedade completamente nova.

O argumento que prevaleceu por muito tempo é que o acesso a terra esteve limitado, por razões legais ou econômicas, a grupos de antigos a grandes proprietários e que por isto existiram barreiras de entrada no mercado. A idéia era que faltava uma legislação tal como a *Homestead Act* que foi implementada nos Estados Unidos e Canada e que assim os grandes proprietários que tinham o poder político e manejo do crédito, puderam controlar a oferta de terras.<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> A respeito disso, Halperin Donghi (1982,p.181) afirma que: “a hegemonia dos operadores econômicos ligados à finança ultramarina constitui o aspecto mais relevante do desenvolvimento da cultura dos cereais”.

<sup>4</sup> Embora houve deslocamento de fronteira no século XVIII, especialmente em Buenos Aires, os mais importantes ocorreram no século XIX, com as duas Campanhas do Deserto, a de Rosas em 1833, e principalmente com a de Roca em 1880. Com esta última se incorporou um enorme volume de terra para a atividade econômica. Segundo dados de Conde (1997) a expansão territorial de Buenos Aires foi de 20.970Km<sup>2</sup> em 1779 para 306.830 Km<sup>2</sup> em 1914 e o total zona pampeana: de zero para 832.322 Km<sup>2</sup> no mesmo período.

<sup>5</sup> Isto foi defendido por dois importantes historiadores: Scobie (1964) e Solberg (1975). Para este último a diferença foi o papel do Estado no Canada na adoção de uma política de exploração familiares que deu acesso a terra.

Por sua vez, o crescimento das exportações foi condicionado por dois fatores: o aumento da demanda mundial para produtos agropecuários de clima temperados, e a disponibilidade de terras férteis na zona pampeira, não exploradas ou parcialmente utilizadas.

Em relação ao aumento da demanda internacional, é curioso observar que na Argentina aconteceu um processo diferente do normalmente ensinado em teoria do comércio internacional. Isto porque no período que inicia em 1870 não houve um aumento dos preços mundiais agropecuários que beneficiasse a Argentina, mas, ao contrário, esse foi um período em que os preços mundiais da produção agropecuária diminuíram.

A Argentina para poder competir passou a incorporar imensas extensões de terra em vista da necessidade de buscar novos pastos. É importante lembrar que característica principal da criação de gado é que ela produz tanto bens de consumo como de capital. Segundo Conde (1991), a incorporação de novas terras com baixo custo teve como efeito o incremento dos rebanhos e a expansão da produção a um custo mínimo, compensando, assim, a baixa de preços e mantendo a rentabilidade da criação de gado. Cabe observar que a expansão territorial, além de melhorar a atividade econômica, possibilitou a ocupação militar de novos territórios.

Nessa época as estradas de ferro não explicam a expansão para as terras das novas regiões. Ao contrário, a expansão da agricultura no final do decênio 1880 e durante a década de 1890, ligada diretamente a produção do trigo, deu-se primeiro em Santa Fé. Somente a produção que se estenderá pela Província de Buenos Aires a partir de 1895 é que esteve ligada diretamente ao crescimento da rede ferroviária. Entre 1888 a 1895, as zonas cultivadas passaram de 2,5 mil para 5 mil hectares. A expansão mais notável deu-se em Santa Fé, com propriedades menores predominantemente ocupadas por proprietários. Ocorre também nova expansão agrícola em terras que haviam sido total ou parcialmente dedicadas à pecuária, existindo uma complementaridade entre a agricultura e a criação do gado.<sup>6</sup> A instalação do primeiro frigorífico na cidade de Campanha em 1882 constitui um símbolo de um novo período. Nesse ano aconteceu, também, o primeiro embarque de carne ovina para o Reino Unido.

Desta maneira a posse da terra e o seu monopólio passaram a ser extremamente disputados por ser a principal fonte de riqueza do país. Surgem então as figuras do proprietário de terra e do arrendatário e por conseguinte, a categoria renda da terra.

No final de 1860 poucas famílias detinham essas terras, o que ocasionou um crescimento da renda da terra considerável. Para se ter uma idéia de sua dimensão basta ver que enquanto que de 1888 a 1929 o preço do ouro em peso/moedas nacional não chegou a duplicar, o valor da terra na província de Buenos Aires expresso em pesos, aumentou mais de 10 vezes, e em outras províncias foi ainda maior. (Días-Alejandro, 1970)

---

<sup>6</sup> É interessante lembrar que a produtividade do trabalho do setor rural era superior a da indústria – em vista da terra pampeana como fator complementar. Isto sugere que a Argentina não apresentava a dualidade característica da maior parte dos países subdesenvolvidos.

Enquanto nos Estados Unidos a expansão das fronteiras se deu com a eliminação quase que total dos proprietários de terra como agentes econômicos e políticos, na Argentina o processo foi completamente oposto.

As terras públicas se transformaram em grandes propriedades privadas, em função das necessidades financeiras do governo. De acordo com Días- Alejandro (1970) a campanha de 1879-80 se financiou em parte com as vendas de bônus resgatáveis do governo em terras públicas e aos militares vitoriosos se recompensaram com grandes extensões de terra. Como se não bastasse, em 1879 o governo começou a outorgar as empresas donas das estradas de ferro as terras próximas as novas vias, como nos Estados Unidos, a fim de estimular sua expansão.

Cabe assinalar que a rotação da propriedade da terra também era intensa.<sup>7</sup> Isto também gerou o outro fenômeno dessa época que foi o incremento do número dos arrendatários, havendo seu número elevado influenciado enormemente a formação de um panorama comum da historiografia argentina. Não havia nenhum recurso ilimitado, nem uma demanda insatisfeita de terra e o sistema de arrendamento não obstaculizava o acesso à propriedade da terra pois com ele se obtinha maior rendimento. Por outro lado, a concentração da propriedade da terra em poucas mãos constituiu uma força política com uma poderosa influência na vida nacional.

A integração da Província de Buenos Aires à economia nacional foi solucionada pelo incentivo aos fluxos migratórios e à construção das estradas de ferro, viabilizada por capitais ingleses.

O período compreendido entre 1860-80 teve como principal característica a adoção de uma ampla política de colonização. Na verdade, a escassez de mão-de-obra na Argentina foi um problema persistente durante todo o século XIX. As primeiras idéias de imigração na Argentina foram expressas por Rivadavia, em 1820, mas só foram efetivamente implementadas com sucesso após 1870, pois políticos, como Rosas, tinham pouco interesse em projetos de imigração. Entre 1870 e 1914 chegaram à Argentina quase 6 milhões de imigrantes, principalmente homens jovens, espanhóis e italianos, sendo que em 1914 os estrangeiros superaram o número de argentinos de nascimento no grupo de 20 a 40 anos. Isto explica porque a influência dos imigrantes foi maior na força de trabalho total do que na população em geral. Houve duas influências da imigração na formação da força de trabalho: primeira, seu aporte direto do crescimento da população total e no incremento da taxa de crescimento natural da população; segunda seu aporte anual de mão-de-obra que entrou no mercado de trabalho. Sobre a magnitude da imigração na Argentina, Oddone (1972.p.13) afirma: “Nunca entrou em um país uma imigração tão proporcionalmente grande em um período tão breve”.

Parte da mão-de-obra que entrava no país dirigia-se ao o setor agrícola que, com o aumento da extensão da terra cultivada, seguiu aumentando durante todo o período, inclusive durante a crise de 1890.<sup>8</sup> Conforme (Taylor,1992), a atração desses

---

<sup>7</sup> De acordo com Días- Alejandro (1970), havia duas barreiras que se opunham aos imigrantes recém chegados a comprar terras: a falta de créditos a longo prazo a taxas de juros toleráveis, e a súbita alta do preço das terras em virtude das estradas de ferro e do auge das exportações. A principal barreira era a imperfeição do mercado de capitais em relação a pequenos poupadores.

<sup>8</sup> Também houve contingentes de trabalhadores imigrantes engajando-se no trabalho transitório que ganharam o apelido de “birds of passage”. Bunge (1940), Conde (1997).

trabalhadores foram os salários reais argentinos que na época chegavam a ser o dobro ou o triplo das remunerações pagas na Espanha ou Itália, mesmo corrigidos pelo custo de vida

Quando a atividade econômica melhorou depois de 1900, houve novamente a resposta imediata do incremento da imigração.

Este período também reflete a formação do capital argentino e de um grande volume de empréstimos e investimentos externos provenientes da Inglaterra primordialmente para a construção de estradas de ferro.<sup>9</sup>

Entretanto foi o estado que deu o ímpeto inicial, realizando endividamento externo na Europa, sobretudo com a Inglaterra. Segundo Ferns (1960), citando Mulhall, do total de inversões do capital britânico na Argentina, que chegava a 23,06 milhões de libras, 56,2% correspondiam a empréstimos ao governo e 28,6% a estradas de ferro. Isto explica porque os fundos originados neste período foram destinados à extensão de estradas de ferro com fins promocionais da atividade estatal, com proporções semelhantes aos investimentos diretos estrangeiros. O aumento surpreendente das estradas de ferro fez com que o período seja chamado de inferno ferroviário sendo que 3/4 de sua rede se ligam à região pampeira.<sup>10</sup>

Sintetizando o período, Conde (1997) afirma que entre 1875-1912 este crescimento teve como causa a exploração dos recursos naturais e as melhorias neles realizadas, já que aumentaram sua produtividade. Para ele não se tratou de somente de incorporação de terras, recursos naturais, mas também de mudanças tecnológicas no setor agropecuário, que possibilitaram a produção de cereais em terras de gado e implementação de pastagem permanentes e a produção de carne para exportação. Isto conduziu a uma maior valorização da terra e foi, portanto, a incorporação de capital e trabalho na terra que aumentou sua rentabilidade.

### **O Sistema Bancário Argentino do Século XIX**

Conforme Conde (1997), o desenvolvimento dos bancos na Argentina foi um processo tardio sendo que até a segunda metade do século XIX não existia bancos de descontos, depósitos ou de emissões. Salvos os breves projetos do Banco de Buenos Aires (1822-26) e do Banco Nacional (1826-36), o desenvolvimento das instituições bancárias começou lenta e parcialmente na década de 1860 para tomar maior vulto por volta de 1880, e especialmente no setor de bancos privados. Depois do retrocesso que significou a crise de 1890, o sistema alcançou a maturidade na primeira década do século XX.

Na segunda metade do século surgiram os bancos de depósito que canalizam a poupança, dos estrangeiros recém chegados que enviam remessas a seus países. Estes bancos se identificaram com o nome da nação de origem dos poupadores, Banco da Itália, Banco Espanhol, mas eram capitais estrangeiros, mas residentes na Argentina. Estes

---

<sup>9</sup> Conforme Taylor (1992), a participação do capital estrangeiro aumentou de forma impressionante na Argentina neste período passando de 32% em 1900 para 41% em 1909 e chegando a 48% em 1913.

<sup>10</sup> Para Ferns (1960), Nesta época a Argentina se converteu com rapidez em um inferno ferroviário onde 21 companhias privadas e 3 estatais disputavam um tráfico de 4 milhões de passageiros.

bancos se especializaram também em financiar o comércio, principalmente no das importações.

Em 1854, sobre a base da Casa da Moeda que havia começado a fazer operações de depósitos e até de descontos de documentos, se criou o Banco e a Casa da Moeda da Província de Buenos Aires, o que logo se converteu por várias décadas como a entidade financeira mais importante do país. O estabelecimento de um banco monolítico do estado provincial teve consequências negativas para o desenvolvimento da intermediação financeira já que desenvolveu a geração de hábitos de uma administração bancária fortemente influenciada por interesses políticos do governo e seus setores ligados pois a sua diretoria não estava integrada por banqueiro, ou por pessoas que buscavam lucros nesse negócio mas sim por figuras de prestígios da política, do comércio ou produção nomeadas pelo governo provincial.

Em 1872 foi fundado, pela lei do Congresso, o Banco Nacional, uma sociedade privada com participação estatal, banco de emissão e desconto e agente financeiro do governo nacional e com privilégios fiscais. De acordo com Conde (1997), este banco já iniciou suas atividades sem integrar o total do capital subscrito, por que o Estado devia cobri-lo com títulos públicos. Seus sócios subscreveram apenas 3 M\$F dos 20 M\$F comprometidos, o que mostra que ele já iniciava suas atividades endividado. O Banco Nacional podia emitir bilhetes conversíveis devendo ter uma reserva metálica de 25% do valor da emissão, requerimento que tampouco se cumpriu. Ao iniciar suas atividades ele recebeu um enorme fluxo de depósito em ouro do governo, o que permitiu expandir o seu crédito. Assim, quando o governo retirou estes fundos, se produziu uma duríssima contração.

Em relação a existência de bancos privados existiam na Argentina o Banco de Londres, fundado em 1862, e o Banco de Itália, em 1872, como bancos de depósitos e de desconto. De todos os modos, em uma Argentina com uma rudimentar evolução financeira, ambos os bancos, sobretudo o de Londres, tiveram uma notória influência sobre as práticas da época<sup>11</sup>.

Uma das instituições mais importantes na vida financeira do século XIX na Argentina foi a casa inglesa Baring. A relação entre a Casa Baring e a Argentina foi duradoura e intensa começando com um empréstimo concedido em 1824 a Província de Buenos Aires para a construção do Porto de Buenos Aires, que realmente foi utilizado para financiar a guerra com o Brasil. O Baring foi até 1880 o principal agente financeiro do governo da Província de Buenos Aires e depois do governo nacional. Por seu intermédio foi obtido no mercado britânico uma importante quantidade de fundos, o que permitiu dinamizar um mercado financeiro até então muito limitado. Pela sua força o Baring foi responsabilizado pela febre especulativa dos anos 1880 e as condutas irresponsáveis dos governos que culminaram com a crise de 1890.

Conforme Conde (1995), a idéia corrente de que a Argentina era um país em rápida expansão, e por isto existindo uma quase ilimitada demanda por dinheiro e a

---

<sup>11</sup> A eles agregaram-se outros bancos estrangeiros, que não tiveram tanta importância. No primeiro anos da Confederação, o Banco Mauá, que havia aberto uma casa em Rosário e mais adiante, o Banco Mercantil de capitais ingleses que quebrou na crise de 1876. (Conde,1997).

influencia do estado no negócio bancário de emissão tiveram influências negativas na evolução das instituições financeiras até 1890..

Sem dúvida foi a grande prosperidade do período anterior, que apoiada na abundância de empréstimos externos que gerou, em 1890, uma dívida externa de 300 mil libras. A crise iniciou em 1890 quando Londres não permitiu o adiamento dos pagamentos da dívida e nem a continuidade da transferência trimestral de fundos para a Argentina.

Martí (1983), afirma que para se entender a crise é necessário conhecer o mecanismo desses empréstimos. A maioria dos empréstimos que os governos e as empresas argentinos obtinham no exterior em forma de empréstimos era a juros fixos, e por conseguinte implicavam o pagamento imediato de um serviço estipulado a ouro. De 1886 a 1890 a Argentina havia tomado emprestado aproximadamente 668 milhões de pesos ouro e o seu passivo, em 1892, montava em 922 545 000 pesos ouro. Enquanto os fundos do exterior continuaram afluentes não houve problemas no balanço de pagamento; quer dizer o país obtinha as divisas necessárias para fazer frente ao pagamento dos serviços da dívida externa, e da manutenção do nível de consumo de artigos importados. Deste modo a crise aconteceu porque os fundos estrangeiros diminuíram antes que o valor das exportações se houvesse se expandido a ponto de cobrir os serviços da dívida e manter um nível de importações politicamente tolerável. Por outro lado, os projetos financiados pelos empréstimos estrangeiros, principalmente a construção de estradas de ferro e o melhoramento das terras, promoveram uma produção crescente de bens exportados, mas, devido a sua lenta maturação, não conseguiram que o valor e o volume das exportações aumentassem no mesmo ritmo que o montante dos juros da dívida. Assim, segundo o autor, “a crise sobreveio quando houve a interrupção dos empréstimos que eram respaldados em ouro, provocou uma depreciação monetária e ao mesmo tempo o **crack** do sistema bancário”. (Martí, 1983, p.937).

Houve a quebra dos dois principais bancos argentinos e alguns provinciais. A crise só começou a ser revertida quando, devido a novas negociações em Londres, foi liberado um empréstimo de 15 milhões de libras para o país. Essa crise foi extremamente traumática, gerando grandes perdas econômicas. O fechamento do Banco Nacional e o da Província em abril de 1891 provocou a corrida do resto dos bancos privados e o fechamento da maioria.

Em 1891, no pico da crise, foi fundado o Banco de la Nacion. As operações do banco tiveram nos primeiros ano uma evolução lenta em função da desconfiança do publico na entidades oficiais. No decorrer do tempo e graças a suas sucursais que davam um controle quase exclusivo dos negócios do interior, suas operações tiveram um volume crescente e no começo do novo século ele havia se constituído na instituição financeira mais importante do país.

Depois de um período de forte contração monetária, em que o peso depois de uma caída que chegou a 400% se recuperou ate 200%, o governo implementou uma reforma monetária fundamental, a Reforma Monetária de 1899.

A Reforma estipulava que todo o particular que levasse a *Caja de Conversion* o correspondente a 44 centavos de ouro receberia papel moeda no valor de um peso moeda nacional. Isto originava a convertibilidade do peso papel ao ouro, ou seja a volta do sistema de cambio fixo que havia sido abandonado em 1885.

Sendo assim, no começo do século XX a Argentina iniciava uma nova experiência monetária que permitiu nos anos seguintes uma notável expansão e consolidação de instituições financeiras.

### **A Economia Argentina: Da Virada do Século a I Guerra Mundial**

No começo do século XX houve a retomada do crescimento e teve como características do período a propagação da produção do trigo por toda a Província de Buenos Aires, a retomada da construção de ferrovias interrompida durante a crise, as novas formas de congelamento e transporte da carne, o uso mais intensivo do fator trabalho e a utilização de pastos artificiais e de plantação de forrageiras na pecuária. Toda essas novas técnicas e mudanças geraram as seguintes conseqüências: a criação de novos assentamento de população em zona rural, o surgimento da figura do grande arrendatário nessas regiões e por último a diminuição do número de estâncias pequenas e médias.

A retomada da construção das estradas de ferro teve como efeito fazer as ferrovias ligarem os mercados do interior com os mercados urbanos da costa e, desta maneira, acabaram criando um mercado nacional. A criação desse mercado também teve como efeito o surgimento de indústrias, principalmente as de preparação de alimentos, têxtil e bebidas

O crescimento que engloba todo o período analisado, caracterizar-se principalmente pelo aumento da riqueza e da concentração da renda e da propriedade.<sup>12</sup>

O período de 1900-14 constitui a “idade de ouro da indústria frigorífica” e será marcado pelo investimento em novos frigoríficos, a vinda de novas ondas de imigrantes, novas extensões de estradas de ferro e a agregação de novas terras para a produção de gado.

A discussão sobre o início do declínio da expansão da economia argentina tem importância em razão das questões de políticas econômicas que acompanham os modelos e as soluções inerentes aos mesmos. Dentro da literatura a maioria dos autores discordam tanto da data deste início, como das razões que levaram a queda no padrão de crescimento da economia argentina. A questão central é se o declínio econômico da Argentina começou com a IGM- uma hipótese de retardação precoce, ou ao contrário, se ele começou com a Grande Depressão em 1929- uma hipótese retardação tardia.

Para Taylor (1992), o declínio da economia argentina começou em 1914 em virtude da ruptura dos créditos internacionais, seguindo o colapso do mercado internacional de capital e a retração britânica. Isto teria causado um “hiato” na balança de pagamento que já não poderia ser mais coberto por empréstimos financeiros e a isto, juntando-se a carga demográfica de uma população jovem, fez com que baixasse a taxa de acumulação de capital no período inter-guerras. Segundo ele, quando terminou a *Belle Époque* os argentinos não foram capazes de sustentar o ritmo do desenvolvimento por não serem capazes de poupar o suficiente.

Nesta mesma linha, os autores Di Tella e Zymelman (1967) argumentam que a Argentina experimentou uma significativa redução no crescimento econômico depois de I Guerra Mundial. Segundo eles houve inclusive uma “grande demora” entre 1914 a 1933,

<sup>12</sup> Em relação a isto Solberg (1975, p. 247 e 248) afirma que “desde meados do século XIX, um grupo reduzido e fechado de famílias de classe alta era dono indiscutível de quase toda a terra fértil da zona de cereais. Na província de Buenos Aires, de importância fundamental, a estrutura de propriedade era característica: somente 1041 estâncias ocupavam um terço da enorme superfície dessa província”.

que eles atribuem a políticas econômicas mal orientadas. Ao defender essa hipótese do início do declínio em 1914, os autores, além das políticas econômicas evocam o fechamento das fronteiras, entendendo que a região fértil dos pampas já estava plenamente ocupada nesse período. Para eles a desaceleração do crescimento observada entre 1914 e 1929 foi causada pelo fracasso das autoridades em dar suficiente impulso a indústria. Opinam que não se podia esperar que continuasse a expansão registrada antes de 1914. Eles introduziram uma nova etapa ao esquema de Rostow, sustentando que o lapso que vai de 1914 a 1933 constitui uma “grande demora”, situada entre as “condições prévias” (1880-1914) e a “decolagem”. Para eles, conviria considerar a opinião de que o período de 1914-29 constituiu uma oportunidade desperdiçada pela política econômica, porque as autoridades não se deram conta que estava chegando o fim de uma era. Na mesma direção, Conde (1991) refez as estimativas do Produto Interno Bruto da economia argentina para o período 1875-1953 e constatou que o mesmo cresceu a uma taxa média anual de 8,3% entre 1900-13 e a uma taxa muito mais baixa de 4,3% no período 1917-29.

Defendendo posição contrária, Días-Alejandro (1975) argumenta que a performance da economia argentina do país do século XX foi de crescimento continuado e forte até os anos 20, apesar de concordar com o fechamento da fronteira. Ele mostra que, considerando a quebra associada a IGM como compreensível e temporária, a Argentina foi bem nesse período, quando comparada com países como a Austrália e o Canadá. Ele mantém que a política liberal orientada para as exportações teve sucesso em conduzir a Argentina através das dificuldades do período anterior ao inter-guerra. Ele otimisticamente data a *Belle Époque* como persistindo até 1929, e situando as dificuldades na políticas para dentro que caracterizou a Argentina nos anos 30. Segundo esse autor a IGM deixou a Argentina convalescente mas ainda firmemente integrada ao mercado financeiro mundial, sem necessidade de troca drásticas nas políticas com o capital externo até a Grande Depressão.

Alejandro Bunge (1940) durante toda a década de 1920 advogava uma maior proteção para a indústria e foi o primeiro economista a sugerir que desde 1914 a economia argentina estava parada. Bunge dava muito importância ao declínio da construção de estradas de ferro. Em seu afã de estimular o desenvolvimento industrial, fustigava a modesta legislação social dos governos radicais e sua intenção de regular os investimentos estrangeiros.

### **Considerações Finais**

Com o fim da IGM o poder hegemônico britânico nos mercados de capitais foi efetivamente quebrado pelos enormes débitos de guerra, e os Estados Unidos emergiu como credor líquido, ainda que os americanos entrassem com menos entusiasmo para assumir esta nova responsabilidade como centro de finanças internacional. Para a Argentina foi difícil situar-se nessa nova ordem econômica e estabelecer relações com os banqueiros de Nova York. Antes da metade dos anos 20 praticamente nenhum novo capital veio da Europa e os empréstimos vindo de Nova York eram demorados, limitados em quantidade de curto prazo e com altas taxas de juros.

Dada a situação existente em 1917-29, não era de estranhar que as autoridades não achassem necessário realizar grandes inovações em matéria de política econômica durante a década de 1920. As estradas de ferro não se expandiam mais com a mesma rapidez de antes, a zona do pampa estava já totalmente ocupada e as novos investimentos britânicos

na Argentina eram escassos; mas o capital norte americano continuava entrando, embora não com a mesma força que no Canada. As autoridades acreditavam que os Estados Unidos começariam a importar carne argentina dando, assim, o impulso que a Inglaterra não conseguia mais dar.

É importante salientar que toda esta situação estava configurada em uma nova ordem internacional, pois o escasso crescimento econômico britânico e a reduzida expansão demográfica européia entre 1913 e 1929 dificultaram o crescimento econômico não só da Argentina, como também do Canada e da Austrália. Sem dúvida, depois de 1929, e mesmo depois de 1950, a posição relativa da economia argentina ficou ainda grave, sugerindo que a queda no seu ritmo do desenvolvimento econômico foi ainda mais pronunciada.

### **Referências Bibliográficas**

- Bunge, A *Una Nueva Argentina*. Buenos Aires, Editorial Guillermo Kraft, 1940.
- Cortés Conde, R. El Crecimiento de la Economía Argentina (1970-1914). in Bethell, L. (ed) *História da América Latina*. 10 -1870-1930. Barcelona: Editorial Crítico, 1991.
- Cortés Conde, R. *La Economía Argentina en el Largo Prazo (siglos XIX y XX)*. Buenos Aires, Editorial Sudamericana. Universidad de San Andrés, 1997.
- Días-Alejandro, C. D. *Essays on the Economic History of the Argentina Republic*, New Haven, 1970.
- Di Tella, Guido e Zylmelman, M. *Las Etapas del Desarrollo Económico Argentino*. EUDEBA, Buenos Aires, 1967.
- Di Tella, G. e Platt, D.C.M., *Argentina, Australia and Canada- Studies in Comparative Developmente 1870-1965* St Antony's, Oxford, 1985.
- Ferns,H.S. *Britain the Nineteenth Century*, Oxford, Claredoon Press, 1960
- Ferrer, A. *La Economía Argentina; las Etapas de su Desarrrolo y Problemas Actuales*. Buenos Aires: Fundo de Cultura Economica, 1995.
- Ford, G. La Argentina y la Crisis de Baring de 1890. In *El Regime Oligárquico. Materiales para el estudio de la realidade argentina (hasta 1930)*. Buenos Aires. Amorrortu Editores.1975.
- Halperin Donghi, T. *Historia Contemporanea da America Latina*. Alianza Editorial, Madrid, 1982.
- Martí, G.M.. Argentina; La Crisis de 1890. Endeudamiento Externo y Crack Financeiro. *El Trimestre Economico*. Fondo de Cultura Econômica, México,1983.
- Oddone, J., El Tema de la Inmigración a través de los Archivos Italianos y Espanöles. In Gallo e Ferrari (copiladores). *La Argentina del Ochenta al Centenario*. Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 1972.
- Ortiz,R.*História Economica de la Argentina, 1850-1930*.Editorial, Buenos Aires, 1995.
- Scobie, J. *Revolution on the Pampas: a Social History of Argentine Wheat*, Austin,Texas, 1964.
- Solberg, C. Descontentamento Rural y Política Rural en la Argentina, 1912-1930. In *El Regime Oligárquico. Materiales para el Estudio de la Realidade Argentina (hasta 1930)*. Buenos Aires. Amorrortu Editores.1975.
- Taylor, A, External Dependence, Demographic Burdens, and Argentine Economic Decline After the Belle Époque, in *The Journal of Economic History*, vol 52, 1992

